

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 21 DE ABRIL DE 1888
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—Ns. 169 e 170

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

DR. Franklin Tavora, Augusto de Lima
Urbano Duarte,
Leopoldo Cabral e Candido Jucá

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARIO

Expediente.....	
A Semana.....	
A corte vista de fora.....	Ali
Esperança e Saudade, soneto.....	Augusto de Lima
A alma nova.....	Domício da Gama
Desesperança, poesia.....	Adelina A. L. Vieira
Seu Meadoça.....	Lakore
Fim da jornada, poesia.....	Isidoro M. Junior
Os criticos do «Lar».....	Pardal Mallet
Amor aristocrata, poesia.....	M. o Albuquerque
Gota de orvalho.....	Paula Barros
Diversas publicações.....	
Saudades, poesia.....	Grey Tavares
Do Intermezzo, poesia.....	Alvaro Martins
Factos e noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na rençssa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias de correio.

São agentes litterarios da Semana os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Deserto.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viera.

— *Mariposas* de J. Moraes Silva.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

A SEMANA

Com o numero de hoje, *A Semana* suspende a sua publicação.

Revista de caracter exclusivamente litterario, impossibilitada pela sua natureza e suas tendencias de influir na marcha dos negocios publicos e de apreciar as occurrencias de interesse geral, *A Semana* só podia agir num circulo muito restricto, que infelizmente não são numerosos os amantes de boas letras!

Desta maneira, muito diminuta era a acção por ella exercida; assim como cheia de precalcos era a vida que levava.

Pareceu-nos, portanto, que melhor serviriamos ao publico em geral e aos que nos tem auxiliado em particular, supprimindo *A Semana* para substitui-la por um jornal diario que, zelando quanto possivel as tradições litterarias desta folha, viesse ao mesmo tempo trazer a sua actividade e a sua força ao nosso meio social, cooperando na medida de suas energias para o seu progresso e desenvolvimento.

Neste presupposto, *A Semana* apresenta hoje ao publico as suas despedidas para dar lugar a *O Dia* que apparecerá a 23 do corrente.

Oriundo de uma folha litteraria, devotado desde a primeira hora exclusivamente ao culto da arte neste ramo de suas manifestações, *O Dia* não terá nenhuma preocupação de ordem politica ou partidaria; não terá inclinações para estas ou aquellas ideias; não servirá a este ou aquelle grupo; procurará unicamente a exclusivamente batalhar pelo justo, pelo util e pelo verdadeiro. Sobretudo, procurará con-

servar o cunho litterario da *Semana* e esforçar-se ha por fugir ao dogmatismo campão do ridiculo, empregando os maximos esforços para ser um jornal alegre. Conscio de que não vem preencher nenhuma lacuna na imprensa fluminense, *O Dia* lutará para obter o seu lugar tirando de si proprio os elementos a empregar no intuito de captar a confiança e a sympathia do publico.

A empresa pensa que dá sufficiente garantia da probabilidade do executar o programma que rapidamente esboçou noticiando que a redacção da nova folha está confiada aos Srs. Alcindo Guanabara, Augusto de Lima, Olavo Bilac e Viriato Guimarães, nomes que o publico melhor que nós, sabe quanto valem.

Cumpra-nos ainda no momento em que *A Semana* retira-se da publicidade, salientar, como relevante serviço prestado ás letras, o esforço, a tenacidade e a intelligencia dos Srs. Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida que emprenderam um dia a implantar no Rio de Janeiro uma folha deste genero e conseguiram acclimata-la de tal sorte, que se hoje deixa de ser publicada, é pura e simplesmente para ceder o passo a um jornal diario!

A corte vista de fora

Leopoldina 13 de Abril.

Com *A Patria em perigo*, que de Santos enviou-me Silva Jardim, vieram-me visitar gratas e saudosas recordações dos bellos tempos de S. Paulo, onde nasceu, floresceu e fructificou o vigoroso e irrequieto talento do auctor da *Gente do Mosteiro*.

Silva Jardim matriculou-se na Academia em 1878 e formou-se em 1882, e como astro de primeira grandeza brilhou ao lado de Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Afonso Celso Junior, Valentim Magalhães, Assis Brazil, e Raulpho Fabrino, isto é, na phase mais interessante e fecunda que tem tido as letras academicas na Paulicéa.

Não sei de moço escriptor algum academico que tanto arruideo conseguisse levantar em tão pouco tempo. Suas primeiras armas foram as da critica severa, dura e sarcastica, mas justa e vasa a noa moldes da philosophia contemporanea.

Odiado, festejado e consagrado, pôde-se assim resumir a sua carreira de escriptor e jornalista até a maldadada hora em que a mordada orthodoxa do *conservismo* o fez calar.

Desde então o redactor da *Tribuna da Comedia* e outros jornais lesappareceu no recolhimento anonymo do alto

positivista, interrompendo bruscamente a carreira do publicista, que tão brilhantemente onçetára, e deixando em meia jornada os companheiros seus.

Um incidente, porem, no-lo restitue. Espirito revól, intelligencia vasta, não podia sujeitar-se ao aephixante molde de mesquinha disciplina. Uma opinião em publico manifestada foi o motivo do rompimento; e, quebrado o vinculo que o ligava á *egrejinha* de Miguel Lemos, seu primeiro signal de reconciliação com a imprensa e com o povo é um grito em nome da liberdade!

O folheto, que tenho sob os olhos, resume a conferencia feita pelo auctor ante um auditorio de cerca de 8000 pessoas, na cidade de Santos, e o assumpto d'elle é já conhecido do publico.

Ainda alli se encontra o bello estylo inelastico e ardente com que Silva Jardim logo em seus primeiros trabalhos, se revelou um habil polemista. O tom aggressivo e ironico é a nota predominante do estylo de Silva Jardim, como o é do seu temperamento nervoso.

Assim tenham cahido em terreno fértil as palavras do illustre orador, como agradou-me a leitura do folheto em que foram impressas.

Aos que vemos *A Patria em perigo*, fica-nos a grande consolação de que ha patriotas talentosos que, como Silva Jardim, a podem salvar.

Dentre as nossas patriotas que dia a dia vão se salientando na litteratura nacional, tenho notado com vivo interesse e crescente admiração o nome da Exma. Sra. D. Vora do Suckow, a mais joven das nossas escriptoras e que, não obstante, já realiza na poesia prodigios de arte e de estylo.

O *Diario Mercantil* de Gaspar da Silva, o pescador de perolas, fez ainda desta vez, quem teve a primazia na exhibição das joias litterarias: em suas columnas foi que, precedidas de phrases de sincera admiração, brilharam as primicias do talento da gentil cantora, a cujo timbre melodioso e suave beza se podem applicar aquelles formosos versos que ella intitulou — *Tua voz* — e que *A Semana* acaba de publicar.

Encho-me de entusiasmo quando vejo destacar-se assim a nome feminino das vulgaridades das modas do *Monde Elegant*, em que o bom tom é a decifração de enigmas maliciosos como accipite das iatriguinhas de namoro.

Ainda bem que as Exmas. Sras. D. D. Narcisca Amalia, Julia Lopes, Vera de Suckow, Adelina Lopes e outras não meos distinctas escriptoras, ahí estão para provar que a mulher brasileira não sabe somente trajar-se á moda e preparar guizades, mas quando tem talento e quer, sabe dispa-

tar ao coto forte os logares mais eminentes da grande Arto.

Agora uma noticia muito agradável no gabinete do conselheiro João Alfredo: A freguezia da cidade Leopoldina, um dos reductos mais formidaveis do elemento servil, em poucos dias está quasi inteiramente livre, graças ao desinteresse dos lavradores desta zona, que por sua iniciativa particular parecem ter protestado que a lei João Alfredo não terá execução nesta parte do Brazil, sinão a respeito daquelles escravos, que pela situação especial de seus possuidores, só em virtude della podem ser libertados, como as pertencentes a orphãos, legados, etc.

E o mais interessante e digno de registrar-se para honra deste municipio, é que as libertações que vão se fazendo em continas em nada tem alterado a serenidade da ordem publica. Os libertos continuam nas lavouras dos seus ex-senhores estes estabelecem-lhes um salario com promessa de futura participação nas rendas... e eis ahí em aystema colonial inaugurado sem arruado e sem choque.

He de convir commigo que esta Provincia de Minas, si não tem a iniciativa das avonturas arriscadas, sabe em compensação realizar com galhardia os heroicos rasgos que levam a exitos felizes.

O acontecimento que ora presenciamos não será já a aurora do grande Dia da Democracia?

E esta, como todas as auroras, são mais grandiosas, observadas dos picos destas altas serranias mineiras.

ALI

Esperança e Saudade

Corres fallas a que nos guia a vida!
Porque ha de ser tão rapida a ventura
que se a amamos quando é já perdida,
e depende de uma epoca futura?

O que o presente mal nos affigura
essa esperança, antes do vir querida,
e uma vez no passado, eis que fulgura
como saudado que não mais se olvida.

Ha sempre queixas do actual momento,
e entre as datas se eleva o pensamento
como uma ponte do sombrio aspecto.

Em busca da ventura que ignoramos,
e a saudade ao bem que não gosámos,
o sonho de illusões, sonho completo!

AUGUSTO DE LIMA

ALMA NOVA

AO CORDEIRO NETO

Murmura a voz, com murmurejo
plangente, sem influxo nem calor, e
sardes começa.

A roda da piano eramos alguns
homens, mulheres, com almas moedi-
das. Lestante para gozar da vida a
paz do bello. Folheando as pastas
e conversando de musica reviviamos
pela memoria as horas felizes que a

saudade mais doces torva num pas-
sado longe, longe, como um echo de
cantiga perdido entre quebradas. A
casa era lidalga o vulto; a sala, ornada
severamente, tinha sobre as paredes de
purpura sombria retratos sobre moldu-
ras sumptuosas, cujo dourado so aver-
melhava, de antigo. Havia sombra e
frio, a musica era um aconchego e havia
muita musica. Tocaram e cantaram.
Primeiro desfilaram sobre a estante as
capas lithographadas do Ricordi, os
romances de letra meiflua e notas
chorosas dorretidas num sentimental-
ismo facil. Era como um sacrificio
propiciatorio á deusa da Harmonia.
Os maços desbastavam-se, revolvidos
na procura incontentavel de musica
molhor. Começaram a apparecer os ca-
dernos oblongos, capas estampadas em
primores de gravura com arrojados calli-
graphicos, edições allemãs ou france-
zas do principio ao meiado do seculo.
Entre ellas alguns cadernos encardi-
dos com rubricas amarelletas, regis-
trando as inspirações fugitivas de al-
gun amador que não chegou á gloria
da estampa, cara nesse tempo. Cau-
teu-se um arietta de Catarina a logo,
a quatro mãos, tocou-se um concerto
de Weber. Tocaram bem e com ardor,
mas na vulgar execução musical eu já
começava a resentir alguma cousa
além da melodia e da harmonia, além
da musica propriamente dita. Era cer-
tamente o cansaço da variedade das
composições que me impressionando e
excitando diversamente causavam-me
uma affinação excessiva. O caso é que
eu vibrava todo como num febre de
emoção musical e sentia no coração
oppresso n'estalar a ancia de cantar, eu
só, humilde voz e solitaria, o hymno
retumbante da harmonia sem fim.
Quando na monte nllucinada pelo piano
os clarins entoaram as triumphaes fan-
farras da Volta do Cruzado, senti nos
olhos as lagrimas de alegria, que são a
boa-vinda dos que amam e no coração
os alvoroços de menino a quem a mu-
sica e as cores ruidosas agitam. Vi a
varanda melancolica, donde a castel-
lan mirava a estrada, fita ondulada que
um monte cortava além e vi o flamejar
das bandeiras das lanças e pendões
da mesnada galopando entre a nuvem
de poeira. E comeci a viver em tudo
aquillo. Estava no coração jubilo da
senhora e ao mesmo tempo na bocca da
trombeta que assoprava pela tuba de
bronze o hymno gratulatorio, o desa-
fego final da nostalgia cruciante e
dos perigos sem conta. Não mais feridas
terribes, golpes de inimigos que
blasphemias envenenam, não mais céus
de fogo e a sede atroz e a fome sem
esperança entre os pedregaos e os espin-
hos do deserto e os muros altos, inac-
cessiveis da cidade sitiada, não mais as
panelhas ferventes do fogo maldito que
nada extingue, não mais o rir dos res-
tos execrados, as mascaras satanicas
dos sarracenos adustos levantando sob-
re as muralhas em cruzeiros lmentos-
sos as cabeças esangues dos compa-
nheiros tomados nos assaltos e sorti-
das, não mais a desesperança do lar
tão longe que a sua lembrança era um
sonho, não mais!... O alto clangor das
trombetas dizia tudo isso e mais ainda
o que eu não podia entender: modula-
ções singulares de sentimentos, per-
guntas de expressão fugitiva, como pelo
espelho turvo da percepção a sombra
fugaz de uma aza de andorinha trin-
cando, passando, riscando na retina
parabica o traço indistincto de que em
breve a memoria extinguise-se e só era a

sub-memoria informo e vaga, indeci-
fravel. Aferrei-me á decifração das mo-
dulações cambiantes e em breve senti
na percepção a incerteza para discrimi-
nar o reflexo da impressão directa, a
sensação primitiva das suas resonan-
cias infinitas e ocos reboando ainda
pelos recantos do cerebro quando já
vinham novas ondas de som mudar á
affinação interna. Senti na mente a fa-
diga perturbadora de quem contom
plando o céu estrellado não sabe se é
azul negro o céu pingado de ouro ou
se sobre a faiscção atenuada ao infini-
to de uma linguinha abobada do
chamma remeche-se sem cessar um for-
migueliro de estrellas desvaivadas. As-
sim entrei a vacillar na critica das
minhas impressões. Depois o terror de
não poder mais dominar-me acabou de
me desmontar. O Concert—stuck tinha
acabado e Maria Flora cantava... Não
sei o que cantava do dolente e fundo e
sombrio para afogar-me em luto e des-
olação. A meza de ebano brilhante do
piano mostrava-me no fundo de trova
allucinante um phantasma livido cho-
rando. Chorando, suando lagrimas de
desespero, na agonia da substituição
de uma individualidade por uma forma
vã. Entre os traços convulsionados
daquelle rosto miseravel alguns eram
meus, já poucos e pouco firmes, des-
truidos pela corrosão da sombra. Não
sei como direi, mas o phantasma vago
e tremulo que me roubava a forma era
feito de som, de musica. Tornou-me a
angustia de não poder viver mais den-
tro de mim, livre dos sentidos alouca-
dos. A dispersão da existencia reflexiva
enfraqueceu-me para sentir uno. Maria
Flora cantava: prendi-me ao arfar do
seu collo, ao clarão do seus olhos
acompanhando o voo sereno da nota
solta fugindo, com uma saudade, en-
trei-me da poesia que a envolvia como
uma atmospha espiritual. Depois os
retratos das paredes começaram a
viver e n'fallar-me, a cantar, com
acompanhamentos diferentes que eram
os coloridos de cada pintura, harmo-
nizados os ritmos e tons, cores
em som, num conjuncto de enlou-
quecer. Um carro passando a dispa-
rada pela rua parou do repente como
se o silencio o engolissee. O phantasma
livido do meu eu em decomposição
desfez-se subitamente e no buraco de
sombra que elle deixou achei-me de-
bruçado, soluçando... e sem ouvir os
meus soluços. Dizen que desfalleci e
quando tornei a mim estava surdo.
Completamente não: soffri a obses-
são torturante d'aquella musica ma-
lefica e ninguém me poderá livrar da
harmonia infernal que cada dia me
vae tomando no cerebro o dominio da
pobre alma atrophada. Sala sombria,
retratos antigos, véus do cêra em
candelabros dourados, homens de preto
em silencio e uma mulher pallida can-
tando junto a um piano que é um mi-
serocoso de phantasmas dolentes, um
choro dilacerante de misérias alter-
nando com volutas de alegria insen-
sata em harmonia do consus que se não
exprime, começa n' ser o nuceo ex-
tranho da que será minha alma futura.
Não sou surdo...
Um dos ouvintes, maldoso, tocou no
braço do orador e syllabou em frente
d'elle, accentuando a emissão dos sons:
— Então se não foi surdo o que tu
fcaste, foi maluco...
E elle murmurou, sorrindo tris-
tamente.
— Foi... talvez!...
12 de Abril,

DOMICIO DA SILVA

DESESPERANÇA

A Maria Luiza d'Almeida

Formas de estatua, o andar de uma du-
queza,
o porte ativo, as mãos em miniatura,
o olhar, que olhar tão doce! não fulgura
no céu estrellado assim, de tal pureza.

Alva de neve e pallida, os cabellos
crespos, finos, revoltos fios d'oiro,
olhos grandes, azues, serenos, bellos,
cilios longos e oscuros. Um thesoiro!

Fallando, a sua voz dominadora
delicia, e arrebatada de improviso:
no entanto a bocca rubra e encantadora
poucas vezes se entre-abre num sorriso.

São só as cordas da harpa, confidentes
d'essa tristeza infanda... esse mysterio!
e acompanhando o seu cantar sidereo,
soluçam doloridas e frementes.

Que angustias contará n'aquelle canto?
ninguem o soube ao certo, mas a ouvir-a
comprehendemos que soffre, e ardente
nos turva o olhar e gotta a gotta estilla.

Soffre, talvez, porque uma força ignota
d'ella afasta os amores,—a ventura! —
Ninguém a soube amar, que a formosura
d'essa mulher é tal, que assusta e exgota.

Ninguém a amou ainda! Por trez vezes
julgou-se amada, a pallida criança!
Fora illusão... haurio até ás fezes
a taça da amargura—a desesperança.

Nada mais cre e espera na verdade.
Vê es homens que amara, tão pequenos!
e... continuam a fitar, serenos,
os seus olhos azues a immensidade!!

ADELINA A. LOPES VIEIRA

SEU MENDONÇA

(Conclusão)

— Rom... rom... ram! rugia o vio-
lcello; e o piano estridulava umas
notas de vidro tamborilado.

O gaz ardia com fobre vestindo sên-
damente tudo aquillo.

Nos camarotes silenciosos, apenas os
leques agitavam-se, docemente numas
pandiculações de azas amorosas. Na
plateia, grave, sentia-se que um ap-
plauso ia se gerando exactamente como
na face do mar vae-se a onda levan-
tando lesta e uniforme até esflorar-se
em vaga rumorosa...

— Bello! já murmuravam baixinho,
discretamente.

— Soberbo! suspirou um companhei-
ro de Mendonça, tocando-lho no hom-
bro, entusiasmado. Soberbo!... Não
achas?

O Mendonça respondeu-lhe com um
ronco. Já dormia o bemaventurado.

Do camarote fronteiro, uma linda,
mocinha, de dentes claros, discretava
no leque aberto uma risada abufada.

Ao abrir o olho entrevio a menina e
o sorriso, e não sei porque, ficou pen-
sando nella.

Dias depois debruçada sobre o balcão, ella comprava-lhe umas rendas. Folia demorar o quanto poudo, contente com a sonoridade de sua risadinha de flauta, irisada da alvura dos dentes.

Ella lisongeada, percebendo, fingia-se enfiada com a demora:

— Ande, eeu Mendonça! despacheme...

E ficava, com uma satisfaçãozinha interior, olhando para os punhos fortes do rapaz e para o onergico bigode negro que ensombria-lhe a bocca firme.

Fazia-se afinal, com o seu ombrulho bem atado, voltando, da porta, o rosto para vê-lo em pé a seguila com o olhar cheio de desejos.

A sua ternura tomou grandes proporções. Elle principalmente. Na sinceridade de forte animal sadio, amou-a como por necessidade, pela fatalidade soberana de uma lei, que o impellia, apesar de tudo, para ella. Era porem ciumento, talvez por isso mesmo. Mas ferozmente ciumento! Já, havia tempos, andara aos murros com outro por causa do amores.

Ora, por vezes, tinha elle, agora, encontrado um rapazinho esguio e lonro, com cara displicente, arrimado a um bengalão, olhando muito insistentemente para a sua Chiquita. Creon, por isso, um grande odio ao bengalão, com muita vontade de quebral-o nas costas do rapazinho.

Faziam-lhe muito mal esses ciumes, tornavam-no muito desgraçado. Num dia em que a viu sorrir para ella amavelmente, teve um desgosto tão profundo que quasi abandonou tudo para esconder-se no sertão a armar as suas velhas arapucas. Não sobreviveria, pensava, á perda d'aquella cabecinha vã de passaro canoro, daquella bocca de romã, onde elle seduzia-se a vor rebrilhar numa immaculada alvura de marfim os mais bellos dentes que já mais morderam o fructo do peccado!

Eram, porem, essee ciumes o acicate que incitava a alimaria de seus desejos. Jurou por em bocados o odioso bengalão... mas no côstado do rapaz de cabellos cõr do milho. Havia de encontrar-o de vez!

Chiquita pelo seu lado impacientava-se. A aurora do vigesimo terceiro anno ia a raiar, e o Mendonça, não obstante os quatro mezes de namoro, tinha guardado inteiro silencio a respeito de casamento. Onde iria parar isto?

Accitou, pois, com alacridade aquolle ciumesinho que atormentava o seu escolhido, e, sem comprometter-se, fez com que a chamma se exacerbasse.

Uma noite ficou o Mendonça só na loja; os caixeiros estavam a outros serviços.

Ouviu de repente a voz de Chiquita na calçada. Bateu-lhe o coração: fitou a porta para vê-la entrar. Demorou-se porem. De um pulo vingou o baleão e chegou a soleira...

Oh, assombro! Oh, ira! Seus olhos amorosos viram pasear, num rapido movimento, da mão do rapaz do bengalão para a mão de Chiquita, um pe-

queno objecto envolto em papel azul! Um mimo, de certo; um penhor da paixão do magricella; a prova evidente de que elle, o Mendonça, o rapaz robusto de bigodes pretos, que já tinha economias e tratava de estabelecer-se, era miseravelmente trahido alli mesmo nas suas barbas, pela sua adorada Chiquita, de riso perenal e dentes deslumbrantes!

E, como panthera que desdobra o salto, atirou-se entre os dois, rindo, com uma chamma de Othelo no olhar:

— Ingrata!

Sua mão robusta enlaçou o punho delicado da moça que soltou um pequeno ai magoada.

— Que foi que roceste deste vnreta! Anda! mostra-me! Quero esfregal-o nas ventas do cão!

(O bengalão, prudentemente, foi-se pondo ao fresco.)

— Anda! dizia elle.

Chiquita percebeu logo, e, dominando o momento, tirou partido.

— Mostra isso! repetiu intimativo.

Mas ella oppunha-se:

— Solta-me! Isto é inaudito e grosseiro! Não lhe reconheço direitos sobre mim. Nada tenho com o senhor. Solte-me o punho!

— Ah! rugio paroxico. Has de mostrar-me!

E o anel que cingia o pulso da moça estreitou-se violentamente. Os tondões cederam e o pequeno objecto rolou pela calçada até a sargeta. Mendonça, ligeiro como um gato, cothou-o, dilacerou o euolucro, correu para a luz e leu na tampa de uma caixinha oblonga:

«Para o Sr. Mendonça, no dia de seus annos!»

Um par de hotões!

O rapaz olhou para Chiquita, humilhado, ridiculo. A moça deu-lhe as costas e foi andando lentamente numa irritação magnifica de deusa indignada.

Mendonça correu para ella, muito dorido.

— Perdõa! minha hoa Chiquita. Sou um miseravel, indigne de ti! Perdoa, ou vás me ver morrer!... Oh, mas esse rapaz... Racho-o, minha querida! racho-o!

Mas ella, muito digna:

— Esse rapaz, que o exaspera, é meu primo, faz-me algumas compras. Eis ahi a explicação do seu procedimento.

— Perdõ! gemia o tourosinho da Urburetama.

Ella esteve a contemplar serenamente a face desolada do caixeiro, em collete, com as mangas da camisa suspensas por duas tiras vermelhas de hor-racha.

Depois, muito grave, cingindo a mão delle, maguetisando-o:

— Quer então o meu perdão e o esquecimento da sua brutalidade?

— Ah!... gemia elle com uma grande fraqueza nos joelhos.

— Tudo perdõ e esqueço; mas ha de pedir-me a papae amalhã. Sinão... adeus!

E retirou-se lenta e serena.

Nessa mesma noite, num sótão, depois das nove horas, um rapaz de bigodes pretos e cabelo bem penteado, borrava uma porção de papel a escrever uma carta muito seria ao pae de Chiquita.

LAHORE

FIM DE JORNADA

A RODRIGO OCTAVIO

Pem. Eu descanso aqui. Tiro as sandalias; jogo O meu hordão á relva e reflecto. E' do fogo O Poente—o travezeiro onde o Sol vaes deitando A cabeça sangrenta. O ar está cantando. Vim subindo, subindo ansiosamente a escarpa. Desejava galgar esta eminencia. A farpa Da ambição me ferroava o peito, pela estrada. Eu queria subir, ascender á inflammada Culminação do monte, em que moram as pompas Da luz, do céu, do azul; queira ouvir as trompas Da floresta, vihrando ao sopro cru dos ventos, Nesta vortiginosa altura, aos luzimentos Do astro que morro alem, como um heroe ferido, Ruhro, soberbo, nu phantastico, incendiado!

Cheguei. Quero estender o olhar pelo caminho Andado. Eil-o: E' tão longe e teve tanto espinho Que eu não sei como pude effectuar a viagem. Esta cota de malha alvissima—a Coragem, O escudo—Enthusiasmo, a lança—Inspiração, Esta visseira—a Idéa, este puhal—Canção, O estofa azul do Verso, a armadura da Prosa, As hallucinações do Ideal, a gloriosa Fehre da Propaganda, o odio ao Erro, o amor A' Humanidade, á Sciencia—arvore sempre em flor— Tudo eu joguei, lancei por essa estrada fóra Como um joven nabaho esturdió, que não chora Os milhões, o ouro em pó, as fulvas pedrarias, Alfaias e coraes, perlas, tapeçarias!...

Vou repousar agora. Esta eminencia tem Astros, fulgurações, seiva, perfumes. Vem Medroso, ahrindo a aza este passaro—a Noite. E eu quero procurar um canto onde me acoitae Entre as vegetações cheias de insectos mansos, Sobre o chão, soh o céu, aos dourados avanços Do laar, que ali surge, e que espiando mudo Por detraz do alcantil—magnetisa tudo!

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR

AOS CRITICOS DO «LAR»

I

Já agora, creio que ninguem tem mais a par de dizer sobre o Lar.

Fallaram a respeito: desde as sumidades da critica até os sumidoures da mesma.

Tive: e a severidade cavalheirosa e sympatica de Ferreira de Araujo e de Arthur do Azevedo; e tive tambem: as asperezas de linguagem de nns não sei quems onde me pareceu haver simplesmente a incivilidade inconsciente do matuto que não sabe comer de faca e garfo.

Cosfesso que por vezes muitas sentime abatido, cheio de desconfanças em mim mesmo, sem uma alma amiga que me desse alento e me desse conforto, escrevendo no Jornal onde dia a dia vou pondo e as minhas alegrias e as minhas tristezas e as minhas observações e os meus scismares: «... e estou doente, com insomnias, não sabendo o que fazer; já agora com vontades de largar este caderno, para que não me punja maie n descripção dos proprios soffreres, para que não solte um grito enorme de desanimo—grito feito e des-

meus nevrotismos e dos meus salontos.»

Confesso tambem que em outras vezes vieram-me impetos de bravidade, de sahir cá para fóra commendoando o pelotão dos desaforos, no gesto irreflectido dos homens que deram uma tapada e esbravejam contra a pedra e sapateam-lhe em cima.

E, nesse oscillar de ponludo, ora em perispheras de luz ora em mergulhes de tenebras, lento a lento a parar, cheguei enfim á grande paz serena das convicções arraigadas; detendo-me um boeadinho aqui para dar uma explicação antes de seguir, roteiro em fóra, no compromisso tranquillo de um programma já feito.

II

Nessas meditações minhas, onde me retemperei em crenças, eu encontrei o naturalismo simplesmente como a conclusão logica e fatal de uma argumentação cerrada.

Havia partido desse alicerce dos conhecimentos humanos, disso que talvez seja a maior conquista do século, da classificação hierarchica das sciencias.

Não a aceitei porem completamente. Para bem admirar Augusto Comte e tributar-lhe toda a veneração que me

ros, sinto a necessidade de arrancar-lhe a capa de propheta theologico fazendo libéllos por sobre as quaes se jura mas cujos versiculos se não discut, de não deixal-o um avator de Christo com os quaranta dias de hallucinação lá na montanha, com a lucta nos officiallamos rebibeseos e os mysterios dolorosos da Paixão, com os Jadas-Littrés e ns Magdalias—Clotides; sinto necessidade de humanisal-o e de ceatrapól-o á ai mesmo.

Considero o simplesmente como o grande systematisador aristotelico do seculo XIX, como o homem que, ao iniciar-se a phase mais brilhantemente revolucionaria no mundo do pensar, foi dar o balanço n tudo quanto de intellectual a humanidade havia produzido até então, e que formou a synthese enorme da *Philosophia Positiva*.

Em snas forças não cabia o adivinhar ainda ns descobertas de mais tarde e nem lhe competia a elle, que com a lei dos tres estados e a classificação hierarchica acabava de descobrir a lei da evolução, o pôr um dique ao pensamento e enfechal-o dentro da capa de seus livros.

Quando pois proclamavn irreductiveis os seis phenomenos basicos das correlactas sciencias fundamentaes dizia apenas o que melhor se podia dizer até então, mas não trancava a porta ás descobertas de Darwin e de Haeckel consequentemente theorisando o monismo universal. E, ao krysol destas modernas investigações, reductiveis se tornaram esses phenomenos como as velhas nebulosas que á força de telescopios se converteram em poeira de estrellas; e reduziram-se todos em movimento, porque a astronomia é a mecnica dos astros, porque a physica é a mecnica das moleculas, porque a biologia é a mecnica dos atmos, porque a biologia é a mecnica das celulas e a sociologia a mecnica dos homens.

Mas vae superflua esta digressão.

Tenho necessidade apenas de firmar estes principios:

— Que as sciencias fundamentaes succedem-se hierarchicamente das mais simples ás mais complexas, sendo as primeiras fontes subsidiarias das posteriores.

— Que em seu periodo embryogenico, e antes de chegar á vitalidade completa do estado positiva, percorrem ellas as duas phases: theologica e metaphisica.

— Que a sociologia é a mais complexa de todas as sciencias e só pôde entrar no estado positivo depois que lá chegar a biologia.

— Disto eu tiro fundamentos para contestar o caracter positivo, não só a sociologia como a formulou Comte porque ainda não tiuham chegado ao estado positivo nem a sua biologia, nem mesmo a sua chimica, nem mesmo até n sua physica; como tambem tudo quanto de mais moderno existir sobre o assumpto.

Entretanto precisamos todos collaborar para a constituição definitiva de uma sciencia social, e o nosso primordial trabalho deve ser o reunir elementos para ns grandes syntheses futuras.

Esta questão de sociologia desperta umas quaes antipathias, mormente p.r parte daquelles que acreditam ainda no individualismo humano e na propria autonomia. Dizem ser ella impossivel. Dizem que a pedra de toque de uma sciencia está no seu poderio de precisão e que os actos do homem, tão

complexos, são incapazes de entrar no dominio de uma legislação scientifica; que ninguém pôde determinar a quo horas precisas cada um adormece o acorda ou o qua come ao almoço e ao jantar.

A objecção já foi respondida por Spencer na *Introdução a sciencia social*: — Pelo facto de não se poder determinar ao certo em quantos pedaços arrebeuta uma mina, qual o tamanho e forma o logar onde cada um cahe não deixa todo este phenomeno de ter si lo presidido por leis immutaveis e fataes.

E vem opportunidade para fazer a minha proffissão de fé fatalista, para dizer que em fructo de observações reconheci o homem com todos os seus actos presos na engrenagem das causalidades.

Reservo porem para mais tarde a desenvolução completa deste pensamento e, continuando na exposição que vao, repito a obrigatoriedade de reunir materias para a futura sociologia.

Não que os não haja actualmente em quantidade. A sciencia social deve ter o mesmo evoluir historico da biologia, com o periodo inicial da inconsciencia na apalpadelas produzindo gigantes como Hyppocrates, com todo o processualismo phantastico das mandragoras e das pedras de Mempus e dos elixires complicados feitos com cozimentos de cabeças de enforcado e outras exquisitices alem, com mais tarde um lento scientificismo invadindo os metodos de investigação começando em Ambrozio Paré e chegando ás experiencias de Claud Bernard.

E nos temos tambem essa inconsciencia inicial: Schakspeare que pôde ser o Hyppocrates da sociologia, e mais uma porção de estudos sobre o documento humano esparso ali pelas obras romanticas.

Não basta porem. E' preciso entrar francamente na phase scientificista; e uma rapida analyse das tendencias modernas palpita a affirmativa de haver ella raizado já para humanidade.

A historia, não aquella que se ostuda nes collegios feita com aneictas sobre os reis e peripecias de guerra, mas a historia — investigação sobre o documento humano no dominio de passado, anda agora toda convulsa em idéas novas, vazando-se nos moldes de Comte e de Buckle, resuscitando gerações inteiras, pincelando o movimento osmótico das raças e reconstruindo os meios.

A critica — a investigação pelas espheras intellectuaes do documento humano no presente, já deixou o velho methodo de confrontação com e codex da rhetorica, lá onde vinha muito explicado em receitas o numero de versos, de metaphoras etc que era necessario misturar para fazer um poema. Já agora ella falla pelas vozes autorisadas de H. Taine e E. Scherer, e se acha muito dignamente representada no Brazil por Sylvio Romero e Araripe Junior.

E, no final das contas, o que são a historia e a critica modernas? — Romances naturalistas. A historia nunca irá alem da *Salambó* e da *Retiquia*; a critica não excederá nunca a *L'oeuvre*. Com nma differença apenas: — o romance naturalista, que é ao mesmo tempo a historia não logrará nunca o reconstruir completamente os meios e pôr de pé os homens dos tempos que foram. A critica estudando um qualquer homem publico deve parar em

certos assumptos. Não lhe é verdadeiramente permitido entrar em investigações uinuciosas, classificar de congenita nua qualquer particularidade pessoal e ir buscar-lhe a origem num avoengo epileptico ou ladrão ou homicida, explicar uns tantos actos pela influencia da familia onde existe talvez uma mulber adúltera, ou pelas reminiscencias da vida collegial — dessa vida tão cheia de escabrozidndes e de compromissos para o futuro — deessa vida que no *Atheneu* Raul Pompéa nos está contando com a magia do seu talento e a belleza de sua dicção — dessa vida onde talvez estejam as causas que fez um ministro (caso hypothetico) lezar o thezouro nacional para servir n um amigo que podia mandar.

Vae entretanto ao romance naturalista o direito de fazer tudo isto — a elle que é a grande machina de investigação scientifica no dominio da sociologia.

E' sob este ponto de vista que o considero, que o aceito e que o defendo; e a formula que para si achei foi a seguinte:

A EXPERIMENTAÇÃO PSYCOLOGICA ESTÁ PARA A SOCIOLOGIA ASSIM COMO A EXPERIMENTAÇÃO PHYSIOLOGICA ESTÁ PARA A BIOLOGIA.

Dahi deduzo em primeiro logar a distincção capital entre o naturalismo e as sciencias medicas. Bem verdade que, pela posição que lhe assigno na classificação hierarchica de Comte, o naturalismo — phase embryonaria da sociologia, sciencia a mais complexa de todas, pedindo aos seus professos essa mesma omnisciencia de generalidades que o fundador do positivismo impõe aos seus sacerdotes, tem sempre obrigação de recorrer ás outras sciencias como fontes subsidiarias, mas sem confundir-se com ellas, da mesma sorte que a chimica vae buscar auxilios na physica e na mathematica e a biologia serve-se de todas estaa.

E para exemplificar, e não fornecer exemplos senão nacionaes, já que felizmente os existem aqui, no *Homem* o naturalismo não está no estudo da hysteria nem elle é o Dr. Lobão. Aluizio não teve a pretensão de fazer monographia clinica nem de escrever tratado para os internos do Hospicio de Pedro II. E um qualquer erro que no tocante á materin por ventura lhe descubram não vem absolutamente marear a unidade scientifica desse bello romance onde o drama psychologico desenrola-se todo dentro do cranio de Magdá.

E era necessario frizar bem tudo quam tenho dito para estabelecer completa distincção entre o scientificismo do romance naturalista e o romance a Julio Verne, vulgarizador de sciencia ou pretensio tal.

O segundo ponto que deduz-se da formula do romance naturalista em progressão geometrica determinando as suas relações com a sociologia está na impossibilidade para elle em ser moral ou immoral porque nunca ninguém se lembrou de discutir a moralidade de uma equação de 2º grão, de uma observação astronomica ou physica, de uma experimentação chimica ou physiologica.

Eu comprehendo perfeitamente que haja quem prefira «o romantismo piegas, que a ninguém faz corar, nem envergonha.» Mas não tenho nada com isto.

Nós não escrevemos para deleitar ninguém, não somos ama-secca con-

tando historias ás crianças, para adormecol-as a quietal-as em lhes embalando o berço; nem fazemos arte para fazer arte.

Somos os obreiros da futura sociologia positiva, os factores do porvir progresso humano. Representamos o connubium sublime da arte, que é apenas uma modalidade, com a sciencia — a aspiração suprema de athropos moderno.

III

Forto dostas convicções, que me pareciam intuitivas e andar dentro do cerebro de todo o mundo, eu tive para mim sorpresas ao vér a critica fluminense reeditada a logica velharenta do romantismo dextrepito.

Na revista funebre a que procederam aos argumentos já mortos nenhum faitou á chamadn nem mesmo até o celeberrimo: «o naturalismo é muito bom! sobre este ponto estamos todos de accordo! mas é preciso commedimentos! é preciso fazel-o nos moldes de Balzac, nos moldes de Flaubert!»

E lembrei-me de uma phrase que muito se disse aqui no Brazil: «o abolicionismo é muito bom! sobre este ponto estamos de accordo! mas é preciso fazel-o nos moldes da lei Rio Branco, nos moldes da lei Saraiva!»

A cousa é sempre a mesma, é sempre a eterna historia da humanidade:

Achega-se-lhe um homem e diz — Vamos até lá!

— Mas, eu estou tão bem aqui.

— Vamos! Tu tens vida, e a vida é movimento; tu vives de progresso, e o progresso é andar.

— Mas...

E o homem arrasta-a á força, o olla esbraveja contra elle.

— Porque não fazes como teu antecessor?!

— Não posso! responde-lhe o homem. Elle trouxe-te até aqui; até aqui não posso mais eu trazer-te!

— Elle era tão bom!...

— Dava-te ns mesumas chicotadas que eu to dou; e tu contra elle gritavas os mesmos insultos que gritas contra mim!

IV

Não faitou a accusação de immoralidade.

Entendamo-nos.

Immoral é o livro — amphrodislaco, o livro que quasi todos leem para excitar-se a si mesmo antes de dar o passeio ás ruas de alem.

Divide-se em dous generos:

1º o livro — CANTUARIDAS. Tem aqui no Brazil como prototypos o *Serões do Convento* e a *Martinhada*.

Seus caracteres principaes são: vender-se ás escondidas, mencionar na capa a muito conhecida epigraphe — *Leitura para homens* e não mencionar o nome do autor.

Possue-o quasi todo o bom burguez. Anda guardado no fundo de uma gaveta, envolto em um papel que já vao ficando pardo. De tempos em lê-se-o ou sósinho para distrahir o espirito, ou em companhia de um velho amigo para recordar aventuras picarescas do tempo da mocidade. Mas para lê-lo fecha-se a porta do quarto.

2º o *Libro Catulle Mendés*. (Muito propositalmente designo-o assim para perguntar aos jornaes paladinos da moralidade: porque estão continuamente a traduzir os contos de Catulle Mendés. Ainda estou para descobrir o merito do autor. E' um sujeito que

com o mesmo arco de uma só bandalheira arranca uma só nota de uma só corda retesada com vibração unica.) E' um livro decente. Compra-se ostensivamente. Anda ás claras pelas estantes mesmo até pelos aparadores da sala do visitins. Tem foros litterarios. Cochicha aos ouvidos do leitor umas cousinhas titilantes mas brandas como a coega que se faz com pena de galinha.

Tem grande extração e triumpho nos salões fidalgos porque no podre meio aristocratico os duques de Morá tomam pilulas de Jekias.

V

Ha inda' um outro livro immora, mas inconscientemente immoral, o livro romantico, esse que se dá ás moças, o do Lamartine, de Chatbeaubriand, de Walter Scott...

E' o livro arrastando o espirito para as regiões de além; lá para as banhas das Escossias onde o bello fallar amores no silencio mysterioso dos castellos anegrentados pelo tempo e ensangrentados pelas tradições; lá para a terra das Hespanhas onde o olhar da mulher tem fogo, onde a seguidilha sapateia o coração á gonie, onde a capa farga e o sombreiro vasto foram feitos para abrigar o dualismo da genese; lá para as Italias ferreis nas evocações do antigo onde as condessas trazem o punhal á liga e os maridos o amantea so esfocam ao dobrar a esquina, onde o gondoleiro vai cantando a barcarola sentida de volupias no rythmo das ondas que gemem nostalgicas o beijo de Sorento; lá para as bandas do Levante onde os perfumes do sandalo e as fumaças do opio amolletam o homem por sobre os coxins macios de uns seios de Circassiana e por sobre os sonhos religiosos da creença do Nirvana.

E' o livro immoral, (se vai para admitir-se immoralidade em litteratura, si a falta de talento não é a unica immoralidade possivel no dominio da arte) é o livro que põe calafrios na medula e erethismos no pensar, é esse *Paulo e Virginia* que todo o mundo lê aos 14 annos por entre lagrimas e soluços arfando doridamente o peito casto das meninas.

VI

E, mais um argumento *ad hominem*.

Tem os jornaes acaso o direito de condemnar o naturalismo em nome da moralidade? elles que são naturalista inconscientes e que mais do que nenhum naturalista fazem timbre em estudar o sujeito!

Sim, que o joraal é naturalista. Elle vive do estudo sobre o documento humano e, não contente do notar os casos particulares, com mais audacia do que ninguem, abalança-se arbitrariamente ás grandos proposições genericas, ás synthesses finaes catheroicamente expressas n'uma formula qualquer.

Mais do que ninguem, é elle quem apresenta o animal humano na pujança dos seus vicios e no requinte das suas bestialidades. E' elle quem n'uma cidade de 400.000 almas chama ao horror e á perversão da especie quando noticia que 100 homens dormiram no xadrez.

E' elle quem não se importa de saber os heroismos silenciosos que dormem no anonymato—o nome desse pae de familia que volta esfalfado do emprego e vai entretanto ainda fazer endereços de jornaes para dar mais umas fitas ás filhas;—o nome dessa mãe

roida pela phtisica, pelas noites mal dormidas e pelos dias de fome e que trabalha sempre no sublime opico da maternidade para repartir um pedaço de pão mingoado aos filhinhos nús; mas que se importa de saber o nome de todos os assassinos e de todos os ladrões e que escreve o artigo tanto mais comprido quanto mais fundo deseou a alma da humanidade, comprazendo-se quando ella chega até o paroxismo do paricidio.

E, bem reflectindo, não vai nesse naturalismo algum, mais antes uma especulação com a nota escandalosa e o desejo que o publico tem em reparar-se no escandalo.

O jornal não se propõe absolutamente á gloriosa tarefa de descobrir mais uma vibração no teclado enorme da psyché humana. Tem simplesmente o desejo de mostrar o sujo. Não se preocupa em saber como nasce e vive e morre o adulterio. Contenta-se em noticiar que o conselheiro X encontrou a esposa com um amante. Não comprehende o gesto sublime do advogado do Phrynéa dizendo que aquella mulher puxou porque estava-lhe nos instinctos, estava-lhe na carne. Repugna-lhe aquelle nú ao mesmo tempo artistico e scientifico. Mas põe a mulher em fraldas de camisa, com o collo á mostra e os tornozellos, irritante como dois vintens de mindubi torrado.

VII

Para concluir emfim esta questão de moralidade eu poderia transcrever aqui o bello resumo do *Lar* que Nereu (já agora depois de um encomiastico mas justiciero *De palanque* tem-se o direito de chamal-o João Ribeiro) que Nereu publicou em folhetim num numero da *Epocha*.

E do estudo desses factos que eu fui accumulando á força de observações, do conjunto desse epizodio de familia que eu procurei fazer singello, simples e monotono, brotaria a consequencia ultima, a grands lição de moralidade fazendo esse livro proprio para as mães de familia, fazeado-o o roteiro do que se deve evitar na educação de uma moça.

Mas não compete a mim o elogio proprio.

O unico ponto a frizar para mim em toda esta questão vai em que eu obedeci simplesmente aos dictames de uma theoria logica em todo o seu desenvolvimento, em que eu fui o filho do meu tempo e o filho do meu meio, em que trouxe cá para a rua um livro, que pode não prestar pela carencia do talento em seu autor, mas que tem ao menos a honestidade do trabalho e a honestidade das convicções.

VIII

E agora, a questão de forma que erroneamente chamam de ostylo.

Foi ella o ponto de mira para maioria dos ataques onde, como sempre eu tive a estudar a petulancia caracteristica da falta de talento. (*)

Que eu não sei grammatica? Em um momento de bom humor Julio Vallés propoz á Commuaa:

« Sendo a grammatica a mais tola das convenções, fica ella abolida desde já. »

(*) Entenda-se que esta phrase não vale a todos.

Não vou tão longe como o sympathico redactor do *Cri du peuple*. Mas tenho para mim que todo o escriptor verdadeiramente escriptor deve começar por aprender muito bem grammatica, com obrigação porem de esquecer metade do que sabe quando começa a escrever.

A grammatica é uma lei, é um codigo. Como toda a lei, como todo o codigo, nasce cada uma de suas disposições de um movimento revolucionario que triumphou. Dá-se porem no fieri constante da linguagem o mesmo facto que acontece no dominio da legislação. As leis são sempre posteriores ás necessidades que as determinaram e chegam sempre quando já não adiantam mais nada, quando vêm puramente homologar um prezeito já sancionado pela logica dos factos. As leis são como o projecto abolicionista do actual governo que não é de forma alguma um golpe de estado, que não passa do verbo possante da alma brasileira traduzido na linguagem officia do:—Ficam revogadas as disposições em contrario.

E eu gosto dessas comparações assim tiradas á politicagem porque é ella a unica cousa que todo o mundo sabe e a referencia a ella a unica forma de ser entendido.

Imagem pois que cá nas espheras da grammatica existe: um partido conservador emperrado, vivendo da adoração ao passado, querendo dizer ao progresso: que pare! sonhando mumificar a linguagem como os padres egypcios mumificavam os reis—matando-os; existe o partido francamente revolucionario, o que tom simplesmente por divisa:—derrubar tudo quanto está construido, partido de excessos e de audacias mas onde vibra toda a intuiria a psyché moderna; e existe o juste milieu, o partido que faz tudo apropriando e dirigindo as energias da junta da frente e da junta do couce.

Nós aqui no Brazil já temos no Sr. Castro Lopes a muito conhecida junta do couce.

Que diabo! Bastava isto só para me collocar eu muito longe, no extremo opposto.

E é por isto que (sem ser o primeiro aliás) haseio o rubro peadão da revolta para a conquista da bastilha negra do clacissimo.

Os classicos, mas os verdadeiros (é preciso fazer-lhes justiça) andavam com a face voltada para o passado ao tempo em que era essa attitude dos homens de espirito, ao tempo em que essa attitude determinou a Renascença.

Nós de hoje em dia, com a face voltada para o futuro, fazemos o neologismo; temos odio a todos os moldes estabelecidos e a todas as convenções já feitas; entendemos para nós que o verbo é transitivo ou intransitivo quando o quizermos e pela simples razão de ser isto o nosso prazer; acreditamos que uma qualquer palavra pôde ser substantivo, adjectivo, artigo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjunção ou interjeição á nossa vontade; parodiámos a resposta do kzarowitch a seu professor de geographia:—a geographia, faço-a eu com a ponta da minha espada; e dizemos ao mestre-escolas de palmatoria:—a grammatica faço-a eu com a ponta da peana.

IX

Particularisando.

Afóra o *continuum* a fallarem-se onde Artbur Azevedo teve a bondade de ver apenas um descuido, afóra: *ess'outros* e

outeiro cima que são na realidade os erros typographicos de que fallou Ferreira de Araujo, afóra mais uma qualquer cousa que tenha passa lo desaparecida aos criticos e a mim, espantei-me de ver as phrases accusadas de incorrectas.

Para a leitura de todas essas phrases que transcrevo abaixo peço apenas que tenham bem presente: ser a construcção indirecta a genuinamente portugueza—estar a transposição na indolo da lia, gua.

Commeatarei somente o *com peios* que deu tanto quo fazer.

« Pelo anoitecer, no mysterioso sensual da escuridão, corpos unidos, imaginações ambas atrelladas ao mesmo carro das phantasias, com pelo torso uns suores de cansaço, com pela modula umas lubricidades fortes, com pela voz uns murmurios de amor, com pelo peito umas respirações oppressas, ellas duas longamente se fallaram. »

Analyzando, vem em primeiro logar a preposição: *com* que rege a proposição inteira dando ao leitor a idéa abstracta que se vê concretisar mais tarde; vem depois o complemento de logar, a determinação do meio:—*pelo torso*; vem emfim o personagem da phrase:—*suores de cansaço* que apparece quando o leitor já appropriou e a idéa abstracta dominante é o meio em que ella se concretiza.

Ahi vão as outras phrases iucriminadas:

« Ella quizera entretanto, gostar aquellas conversas, sentir pela nuca, tremulejando, a mesma sensação out'ora dispartada pelas historias de ladrões, somente agora desabrochando-lhe ao latejo lascivo de umas palavras abandalhadas e de outras aventuras picarescas. Era-lhe actualmente disto destes desejos. »

« Era essa a unica de todas que conseguia aquietal-a no insociavel. »

«... a filha da Angela gostava em dar-lhe pancadas. »

«... sim, que para ngradavel não era. »

«... e começam outra ual se levantam logo. »

«... quando esgotada foi a Sagrada Historia. »

« Pondo-lhe no corpo erethismo de risadas e polluções deixando-lhe pelo mundo dos seismaros. »

Si ahi ha erros, eu tenho muito orgulho em reclamar-lhes a paternidade consciente.

X

Para terminar. Eu agradeço cordialmente áquelles todos que escreveram sobre o *Lar*.

A critica, já o disse Zola, só mata a quem tem em si os elementos da propria morte.

Quando ella vem sizuda e cheia de sympathias modifica inconscientemente

o autor, onorgulheço e retémpera-o para as luctas do futuro.

Quando ella espoja-se na imbecillidade é o exterior donde podem brotar as melhores e mais perfumosas flores dos livros que se escreverão mais tarde.

Eu quiz dizer isto tudo, quiz dizer que não esmoreci, que estou prompto para todas as batalhas, e que para as agruras da jornada no alforge de peregrino loverei sempre este punhado de convicções.

PARDAL MALLET.

AMOR ARISTOCRATA

Eu gosto das robustas camponozas, morenas e louçans:
— fortes, sanguineas e viris bellezas, rijas e sans.

Gosto das filhas másculs do povo, de gesto firme e audaz, que nas arterias têm um sangue novo, quente e vivaz.

Amo tudo o que é bello na opulencia das formas da mulher; tudo o que pode dar-nos a existencia um bem qualquer

Oh! mas prefiro a cútis perfumada a cútis de jasmim que sae da fina trama delicada do nivo setim.

Amo os requintes raros, luxuosos dos nobres boudoirs, onde os leitos parecem, deliciosos, uos convidar...

N'elles abrem as azas, quaes cardumes, de passaros gentis, leves e doces, sensuaes perfumes, quentes, subteis...

Um seio visto pelas suas rendas de custoso lavor pede mais beijos, mais formosas prendas tem mais valor.

E a mulher quando sae de entre os aromas da seda triumphal, mostrando as duras, opulentas pomas, nua, afinal!

Ha um prazer, uma delicia extranha no corpo a lhe correr e toda a essencia que a circumda e banha doído, beber...

Pelos tapetes das alcovas quentes faz gosto repousar, para umas pernas mornas e frementes lento, beijar...

Não me consurem si prefiro a pobre, a classica rudcz, a aristocrata, delicada e uobre, fina nudez

Eu sou um louco sonhador exótico, avido de ideal, temperamento morbido e nevrotico, fraco, sensual,

e aos meus nervos, de moça, effeminados aos meus nervos febris são necessarios gozos refinados, gozos subteis...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

GOTTA DE ORVALHO

(Poesia e Sciencia)

Quando a Noite, no seio a suspirar, Meio acordada pede um beijo ao Dia, Do olhar lhe escapa a luz que se irradia Na flor de orvalho, no sol se levntar.

Oh! como é lindo assim a tremelar O prisma de um orvalho, que a harmonia Das côres traz, na luz que se desvin Ligando o anil do céu a êdor do mar!

Morro por vér-te, perola mimosa, Ao mostrar n Manhã o rosto ameno, Beberes liz na flor a mais formosa.

Gotta de orvalho, alem, ao céu sereno Volta, que és feita, lagrima de rosa, De oxigeno e dobro de hydrogeno. Abril de 88.

PAULA BARROS.

Diversas Publicações

Pelo illustre Sr. Aprigio Cezarino foinos remetido um opusculo da conferencia que realisou em S. Carlos do Pinhal, sobre a emigração chinesa, no dia 18 de Março ultimo. Adversario decidido de tal emigração o Sr. Cezarino atscou com valentia a idéa que por ali la crescendo de se iniciar a internação do chim como elemento o para trabalho agricola.

Fecundo possa ser o seu esforço é o que tambem desejamos.

No sabbado ultimo distribui-se o 1º fasciculo do *Escandalo*, importante revista escripta de collaboração pelos primorosos escriptores Drs. Lucio de Mendonça e Valentim Magalhães.

Para garantia do alto merito do *Escandalo*, e outra cousa não carece que o grande conceito dos dois festejados litteratos.

Quem nesta terra não conhece o Lucio e o Valentim? e quem como elles tanto se tem elevado pelo talento, pela valentia com que escrevem e pelo criterio com que analysam as cousas litterarias, e as cousas publicas deste paiz?

O *Escandalo*, assim, é uma necessidade em nosso meio, e muito embora

vá magoar a delicada epiderme de muita gente, ha de fazer o seu curso.

Muito sinceros fazemos os nossos cumprimentos aos dois notavos escriptores e nossos particulares amigos, pelo emprehondimento de tão util publicação.

Recchemos:

O n. 13 da *Crhysalida*. Sempre gentil, e sempre bella a mimosa collega.

Jornal dos Economistas. N. 7. Bom e variso summario.

The Rio News. N. 11. Aproveita sempre o seu tempé, e as suas tabellas cambiacs.

La Révolte, ns. 26 e 27, órgão communista e anarehista, que se publica em Paris.

Relatorio da Bibliotheca Rio Grandense, apresentado pela Directoria a Assembléa Geral, em 22 de Janeiro deste anno.

Revista mensal, do Club de Engenharia, n. 3 do 2º anno.

Il Brazille, n. 4, revista mensal, agricola, commercial, industrial e financeira.

SAUDADE

Eu tenho ainda saudade D'aquelle tempo de outr'ora; As dores que soffro sgora Eu nunca soffri então; Do tempo da mocidade Eu tenho ainda saudade.

A varzea tinha mais flores, Minh'alma mais alegrias; Só risos e poesias Eu conhecia no mundo; N'aquelle tempo de amores A varzea tinha mais flores.

Ouvia a canção do nauta Sentado á beira do mar; Tinha vontade de amar Até aos aninhos do céu; Ao som de longinqua frauta Ouvia a canção do nauta.

Os sonhos que então souhava Erani esperanças faguicras; Em lindas tranças trigueiras Eu sempre furtava um beijo; Illusões que muito amava... Os sonhos que então souhava.

Hoje, que sou infeliz, Que imploro carpindo a dor, Uma esperanza de amor; Por compaixão acredita: Do tempo da mocidade Eu tenho ainda saudade.

GREY TAVARES

DO INTERMEZZO

Nos sonhos puros d'aurora Da vida — com tanto ardor! — Amei-te; e, smo-te sgora, Cemo nunca, oh! minha flor: E, si, de novo, cahisse O mundo em ruinaria Das trevas resurgiria Mais fulgido, o nosso amor!

Ceará, 1888.

ALVARO MARTINS

FACTOS E NOTICIAS

O distincto poeta nosso illustre amigo Dr. Rodrigo Octavio está nesta Côte, de passeio.

Vá lá um abraço ao promotor de Santa Barbara.

Tivemos tambem o prazer da visita de Horacio de Carvalho, nosso collaborador muito distincto o muito festejado.

Horacio de Carvalho veio de S. Paulo para edictar na Côte um seu romance denominado *Chromo*. Conhece já o publico alguma cousa do trabalho do illustro escriptor, e por este tão pequeno excerpto pôde julgar do merecimento do romance. Por isso e tambem por mais alguma cousa que conhecemos do *Chromo* podemos garantir que o romance do Horacio é extraordinariamente bom, e superior a muita cousa que tem feito estropito em nossa litteratura.

Com anciedade espermos o livro do nosso estimado Horacio.

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Na ultima quinta-feira reuniu-se em sessão litteraria esta antiga sociedade. Foi lida e approvada sem discussão a acta da ultima sessão. Foram admittidos socios contribuintes os Srs. Domingos Pinto Correia, Albino José Vieira do Barros e Agostinho Manoel de Carvalho, propostos pelos Srs. Dr. Celestino Vicente e Antonio Pires Carrapatoso. O Gremio Litterario Portuguez do Pará enviou um primoroso trabalho de Thomaz Ribeiro *Te-Deum*. O Club de Engenharia enviou a sua revista mensal. Archivaram-se muitos jornaes.

Na 2ª parte fez o Sr. commendador Rodrigo de Mello e Souza uma delicada narrativa dos episodios succedidos por occasião da sua estada no lazareto de Lisboa. O Sr. José Dias Moreira recitou uma delicada poesia de lavra propria. Na 3ª parte discutiu-se o thema: — O papado na actualidade é util ou prejudicial aos povos? Fallaram a favor os Srs. Comendador Rodrigo de Mello e Caetano de Castro, e contra, o Sr. Leite Guimarães. A's 10 horas levantou-se a sessão.

O adoravel poeta, nosso distincto amigo o collaborador desta folha Emilio de Menezes, realisa hoje o seu consorcio com a Exma. Sra. D. Maria Carlota Coruja, gentil filha do Exm. Sr. commendador Coruja.

Para nós, que conhecemos do profundo affecto do nosso Emilio por sua noiva, muito prazer sentimos pela realisação de seus sonhos.

Felicitemos o pois, compartilhamos de suas alegrias.

LOTERIAS DA VICTORIA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Concedidas em beneficio da Santa Casa da Misericordia e das sociedades Beneficente da Irmandade de S. Benedicto do Rosario e Auxiliadora

Autorisadas pelas leis n. 05 de 20 de Dezembro de 1886 e n. 34 do anno passado

4.000 BILHETES

SOMENTE

divididos em terços do custo de 900 réis cada terço
Tem duas finaes, dando cada um 18000 o terço

Distribue 862 premios reaes, correspondendo a 70 % do capital

Primeiro premio **3:003\$000** Primeiro premio

Tem uma fiança do valor dos premios em apolices da divida publica geral do Estado, depositada no thesouro provincial.

As extracções são semanaes e brevemente se marcará o dia da primeira

Telegrammas duas horas depois da extracção

Os portadores de bilhetes premiados que quizerem receber-os na corte qui-ram dirigir-se á Rua do Ouvidor n. 51 1º andar, para onde poderão dirigir, por carta, no abaixo assignado, suas encomendas.

Por procuração do thesoureiro e concessionario,

Manoel do Couto Teixeira

VICTORIA

LABORATORIO CENTRAL HOMOEOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA & C.

47 RUA DA QUITANDA 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homoeopathia

ESPECIALIDADES:

Coruus Braziliensis.—Remedio poderoso e eficaz, de uma acção prompta para cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

Phonolina Penna.—Cauterio para accluar instantaneamente as dores de dentes mais rebeldes.

Chenopodium anthelminticum.—Vermifugo homoeopathico em pó, muito eficaz para expellir as lombrigas das crianças.

Opodeldoc de guapo.—Poderoso remedio contra o reumatismo, neuralgias, queimaduras, tumores, inchagões e dores em geral. O uso deste linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu empre facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellente. Todos estes preparados encontram-se nas principaes pharmacias drogarias e no

LABORATORIO CENTRAL HOMOEOPATHICO

DE

A. G. DE ARAUJO PENHA & C.

47 Rua da Quitanda 47

A PAULICÉA

BRILHANTE INAUGURAÇÃO

NO DIA 1º DE MARÇO

Reabriu-se este estabelecimento com um grande e variado sortimento de FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO, FANTASIAS E PERFUMARIAS, o que ha de mais moderno e chic, recebido directamento das FABRICAS DA EUROPA, e os proprietarios da PAULICÉA venderão todos os artigos existentes no mesmo estabelecimento, por conta das mesmas fabricas com uma pequena commissão; é a primeira casa neste genero até hoje conhecida, para isso verão as Exmas. familias a differença de preços que faz das grandes liquidacões que constantemente se fazem nesta corte.

Completo sortimento de artigos para homens.

Por absoluta falta de tempo não nos foi possível promptificar para hoje o annuncio que dovo mostrar o grande sortimento sem egual desta casa, o que faremos no proximo sabbado por esta folha.

Os proprietarios, **CORRÊA & FREITAS**
SUCESSORES DE J. M. CORRÊA

A PAULICÉA

2 LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA 2

RIO DE JANEIRO

A PAULICÉA
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

A PAULICÉA
REABRIR-SE NO DIA 1º DE MARÇO

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escritório todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospício 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Raribona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 54.

Dr. Aristides Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 35.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança e siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

Os Engenheiros. Ura. Buarque de Macedo e Oestro Mau, encarregam-se de trabalhos de construcção, estudos ou outro quaesquer, e de sua profissão. Rua do Hospício n. 22.

Dr. Aristides Spínola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Alvoros matinaes, poesias de Carlos S. de Avollar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machinas e appparehos para lavoura—Schabert Irmãos & Haas.—Juiz de Fóra.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica do Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fóra.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Urugayana n. 55. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro de M. Salles—encarrega-se de defezas perante o jury Muzambiúho—Minas.

Augusto Luzo.—lucumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambiúho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 86

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 23, em frente á estatueta. Vinho de pepsina e diastase paut cruetinado, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza—Advogado. Escritorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambiúho o sen termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leono Mogy-Mirim. Provicia do S. Paulo.

SEMENTES NOVAS DE HORTALIÇA, FLORES E ETC.

HORTULANEA RUA DO OUVIDOR 45,

A NOIVA RUA DOS OURIVES, 14 SALÃO

para pentear senhoras e cortar cabellos PERFUMARIAS, MODAS E NOVIDADES, NINICHES E FRISETS Ultima novidade de 1\$ a 5\$

ABEL Capelleireiro e professor de penteados RIO DE JANEIRO

FABRICA DE CHUMBO Na rua do Hospicio n. 22. Vendê-se qualquer quantidade de chumbo de caça, e recebe-se encomenda.

CERVEJA PELOTAS DA FABRICA DE G. RITTER & IRMÃO 22 RUA NOVA DO OUVIDOR 22

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA SEGUNDA CORRIDA EM 22 DE ABRIL DE 1888

1º Pareo—A's 11 3/4 horas—Ferreira Lage—1.457 metros—Animaes nacionaes de meio sangue que não ganharam este anno—Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

Nº	NOMES	IDADES	NATURALIDADE	PESOS	PROPRIETARIOS
1	Araby.....	5 annos	Rio de Janeiro....	56 kilos	Coud. Carluca
2	Olarineta.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	A. Pinheiro
3	Regente.....	4 »	Idem.....	52 »	J. Rocha
4	Argelia.....	3 »	Idem.....	48 »	O. Junior & Lopes
5	Biscaia.....	5 »	Idem.....	56 »	Coud. Santa Cruz
6	Famalicao.....	4 »	Rio de Janeiro....	52 »	Ernesto Escoly
7	Odalisca.....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Coud. Excelsoior.
8	Violão.....	4 »	Idem.....	52 »	Ferreira & Irmão.
9	Boyardo.....	5 »	Idem.....	56 »	Coud. Guanabara

2º Pareo—A's 12 3/4 horas—Experioncia—1.200 metros—Animaes estrangeiros de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro 150\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Bébé.....	2 annos	Inglaterra.....	48 kilos	D. Julia Vieira.
2	Dextrina.....	2 »	Idem.....	46 »	Samuel Pires.
3	Hannover.....	2 »	Idem.....	46 »	Coud. Hannoveria
4	Mistella.....	2 »	Idem.....	46 »	Idem.
5	Feniana.....	2 »	Idem.....	46 »	Coud. Excelsoior.
6	Paladino.....	2 »	França.....	46 »	A. da Silva.
7	Philippina.....	2 »	Idem.....	46 »	J. C. Babo.
8	Troia.....	2 »	Inglaterra.....	46 »	Oliveira J. & Lopes

3º Pareo—A' 1 1/2 hora—Ypiranga—1.600 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Espadilha.....	3 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Coud. Alliança
2	Esmetalda.....	3 »	Idem.....	51 »	Idem.
3	Erse.....	3 »	Idem.....	50 »	Coud. Excelsoior.
4	Max.....	3 »	Idem.....	52 »	Rocha & Pacheco
5	Tipla.....	3 »	Idem.....	50 »	Pinheiro
6	Cecy.....	3 »	Rio de Janeiro....	50 »	Coud. Fluminense

4º Pareo—A's 2 1/2 horas—Dezessis de Julho—1.600 metros—Animaes estrangeiros de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Sir Telamond.....	3 annos	Inglaterra.....	50 kilos	Coud. Intimidade
2	Ormonde.....	3 »	França.....	50 »	F. Moreira
3	Hal Way.....	3 »	Inglaterra.....	48 »	Coud. Hannoveria
4	Black Satin.....	3 »	Idem.....	48 »	Idem.
5	Duc.....	3 »	Idem.....	50 »	F. Gonçalves.
6	Trumps.....	3 »	Idem.....	50 »	Coud. Itaiyaya.
7	Visière.....	3 »	França.....	50 »	J. Paulo de Castro.
8	Condorcet.....	3 »	Idem.....	50 »	J. Lima.
9	Escopez.....	3 »	Inglaterra.....	50 »	Coud. Fluminense.
10	Kumarita.....	3 »	França.....	48 »	B. Rocha.
11	Signorita.....	3 »	Inglaterra.....	48 »	J. F. Valle.
12	Little Prince.....	3 »	Idem.....	50 »	Coud. Progresso.
13	Phariseau.....	3 »	Idem.....	50 »	Idem Brazileira.
14	Phenix.....	3 »	Idem.....	50 »	Idem.
15	Huguenot.....	3 »	França.....	50 »	A. Michel.

5º Pareo—A's 3 1/2 horas—Universal (Handicap)—1.800 metros—Animaes de qualquer paiz e idade—Premios: 800\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Contesse d'Olloni.....	5 annos	França.....	56 kilos	Coud. Alliança.
2	Amazonas.....	4 »	Inglaterra.....	56 »	Liber. & Courrèges
3	Tic Tac.....	3 »	França.....	54 »	D. de Almeida.
4	Contralto.....	5 »	S. Paulo.....	47 »	J. Rocha.
5	Dr. Jenner.....	5 »	Rio da Prata.....	48 »	J. de Souza.
6	Phoenicia.....	4 »	Inglaterra.....	62 »	Coud. Brazileira.
7	Druid.....	5 »	Rio de Janeiro....	52 »	Oliveira J. & Lopes
8	Queenie.....	4 »	Inglaterra.....	58 »	Coud. Fluminense

6º Pareo—A's 4 1/2 horas—Guanabara—1.600 metros—Animaes nacionaes—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

1	Monitor.....	4 annos	S. Paulo.....	56 kilos	F. Moreira.
2	Tour.....	4 »	Idem.....	56 »	J. Rocha.
3	Diva.....	5 »	Minas Geraes....	51 »	Coud. Fluminense
4	Boreas.....	5 »	S. Paulo.....	64 »	Idem Progresso.

7º Pareo—5 1/4 horas—Jockey-Club—2.000 metros—Animaes de puro sangue—Premios: 1.200 \$ ao primeiro 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Satan.....	5 annos	França.....	51 kilos	Mario de Souza.
2	Phrynia.....	5 »	Inglaterra.....	61 »	Coud. Fluminense
3	Babylonia.....	4 »	França.....	59 »	Idem Progresso.
4	Phocira.....	4 »	Inglaterra.....	60 »	Idem Brazileira.
5	Orange.....	4 »	França.....	59 »	Idem.
6	Scotch Thistle.....	4 »	Inglaterra.....	50 »	Idem.

Os jockeys e animaes que não se acharem no ensilhamento ás 11 horas em ponto, não poderão no 1º pareo, o qual se realizará ás 11 3/4 horas em ponto, qualquer que seja o resultado da casa das apostas apurado até essa hora. As poubas para este pareo vendem-se na secretaria da sociedade, nos dias 20 e 21 do corrente. Forfaits unicamente de Huguenot, Tic-Tac e Queen.

Rio, 19 de Abril de 1888.

A. LISBOA 2º secretario

MACHINAS PARA ARROZ

DOS SYSTEMAS MAIS PERFEIÇADOS

Orçamentos, plantas e pessoal habilitado para dirigir as fabricas, fornecem

ARENS IRMÃOS

147 RUA DA QUITANDA 147

Rio de Janeiro e em Campinas

Remittam-se catalogos illustrados com descripções em portuguez





